Cannes não é sempre a mesma cantiga: palavras e música escolhidas por Thierry Frémaux

Vasco Câmara em Cannes - 13 de maio de 2025 – Público

Thierry Frémaux diz que pode bem com Brigitte Bardot, que acaba de dar uma entrevista televisiva, na sua quinta de Saint-Tropez, 11 anos depois da última, em que, como se diz, morde a mão que lhe deu de comer: considera o Festival de Cannes "um pesadelo", o cinema um antro de gente "sem importância", os filmes uma porcaria. Desapareceram "os actores magníficos", disse, nada arrependida de ter abandonado o mundo das câmaras e ser hoje "agricultora".

Já o caso Depardieu não é claro como o braço de ferro com a Netflix ou como a exclusão dos russos do festival. Têm sido firmes as posições do director-geral do festival & Ca. sobre uma e outra: enquanto a operadora de streaming não estrear os filmes em sala não haverá títulos seus em concurso; e enquanto não houver "uma forma de paz" entre a Rússia e a Ucrânia, Cannes continuará "com saudades dos filmes russos".

Já quanto aos filmes com Depardieu, esta terça-feira condenado por um tribunal de Paris por agressão sexual, Frémaux teria certamente preferido que a questão não tivesse sido trazida ao encontro marcado para segunda-feira à tarde, ritual em que dá as boas-vindas aos jornalistas disponibilizando-se para questões durante mais de uma hora. O que fará o festival com os filmes com o actor, por exemplo aquele, realizado por Fanny Ardant, que roda neste momento nos Açores? Poderá vir a Cannes ou está excluído? Uma questão dessas, disse, "é para ser resolvida caso a caso". Nem sim, nem não, é raro surpreender Frémaux assim, sem ele saber bem o que dizer...

Também nada tem a dizer, "para já", sobre as tarifas que o Presidente norte-americano Donald Trump anuncia para os filmes não produzidos em Hollywood. "Falemos daqui a um ano. Trump habituou-nos a dizer uma coisa e depois a detalhá-la ou a contradizê-la". Lembrou no entanto que nos anos da pandemia, 2021-2022, a falta de produção americana fez proliferar os cinemas nacionais. "Mas não tenho qualquer competência económica para dizer o que quer que seja sobre o assunto." (…)

Frémaux ensaiou a diplomacia: "Isso deve-se a vocês [jornalistas, críticos] pela forma como receberam os filmes". Depois, tomou conta o analista: "E também à Academia de Hollywood, que se abriu ao mundo". O coreano *Parasitas*, de Bong Joon-Ho, foi a Palma de Ouro em 2019 e o Óscar em 2020, momento importante para a "comunicação planetária" entre Cannes e Hollywood que faz com que "uma Palma de Ouro de Maio ainda possa estar viva em Março do ano seguinte", mês do Óscar. A longa vida da Palma.

Começou então a 78.ª edição. Com *Partir un Jour*, estreia na longa-metragem de Amélie Bonnin. É a terceira vez que um filme de uma realizadora abre o festival, depois dos anos de Diane Kurys e Maïwenn, mas é a primeira que acontece com um primeiro filme. Bonnin tinha sido premiada com um César da curta-metragem em 2023 com o muito curioso *Partir un Jour.* Sim, é o mesmo título. A longa-metragem que agora chega a Cannes é feita a partir dessa história e com o mesmo trio de intérpretes, Juliette Armanet, Bastien Bouillon e François Rollin — as posições que cada uma das personagens toma no trio é que se alterou, e é agora ela que regressa à aldeia dos pais e, com isso, reactiva uma relação da infância e adolescência. Sendo ainda um filme musical, na tradição que vai de Jacques Demy — ainda e sempre, a renúncia como no final de *Os Chapéus de Chuva de Cherburgo* — a Alain Resnais, o Resnais de *É Sempre a Mesma Cantiga,* em que as personagens cantam êxitos, aqui o *Alors on danse* de Stromae ou o *Paroles, paroles* e o *Mourir sur scène*, de Dalida.

Só que... a integração do artifício num contexto social e realista não tem tempo, na curta, de se banalizar. É por isso que se mantém rugosa a "versão" de 2023, enquanto a longa de 2025 adormece qualquer aspereza, normaliza-se a surpresa. É um filme "normal". Essa normalidade não deixa de fugir ao formato do "filme de abertura", que é sempre uma operação em que rufam tambores.

Partimos, e vai ser assim até dia 24! Vai Cannes 2025 gerar o mesmo falatório para o ano que se segue como 2024? Sente alguma pressão o senhor Frémaux? "Como diria o meu amigo [Aki] Kaurismäki, pressão só a da cerveja". *Alors on danse...*

https://www.publico.pt/2025/05/13/culturaipsilon/noticia/cannes-nao-cantiga-palavras-musica-escolhidas-thierry-fremaux-2132850